

SL EDUCACIONAL

DATA DE PUBLICAÇÃO: 10/05/2022

AONDE VAMOS?

ATRAVÉS DA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE
NOS TORNAMOS CIDADÃOS DO MUNDO, E
AS FRONTEIRAS DEIXAM DE SER
OBSTÁCULOS, PARA SE TORNAREM
DESAFIOS.

MAIO DE 2022
V.4 N.5



SL EDITORA

Revista SL Educacional

Nº 5

Maio 2022

Publicação

Mensal (maio)

SL Editora

Rua Fabio, 91, casa 13 – Chácara Belenzinho 03378-060

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Rafael Sanches Limonge

Revista SL Educacional – Vol. 4, n. 5 (2022) - São Paulo: SL
Editora, 2022 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.sleditora.com/>

ISSN 2675-4193 (online)

Data de publicação: 10/05/2022

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

LITERATURA INFANTIL: A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO	
Daiana Monteiro Lopes de Moura.....	4
AS DIVERSIFICADAS BRINCADEIRAS E SEUS BENEFÍCIOS	
Camila de Jesus Gonçalves Queiroz.....	20
LUDOTERAPIA: OS DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Vera Lúcia Alves.....	28

LITERATURA INFANTIL: A importância da literatura na educação

MOURA, Daiana Monteiro Lopes de¹

Literatura é Arte, é um ato criador que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço, mesmo que se assemelhem aos que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformados em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção. COELHO (1986, p. 31)

Resumo: Esse artigo apresenta-se com o objetivo de investigar sobre quais os reais motivos que levam as crianças a não terem acesso a uma leitura significativa para o seu desenvolvimento, e compreender qual a relevância da leitura na vida das crianças. Parto do pressuposto de que não há uma formação adequada dos professores em relação à literatura infantil.

A prática da leitura não é um tema novo, ele vem sendo discutido, incessantemente ao longo dos anos, e os dados de pesquisadores revelam que estamos longe de alcançar que toda a população tenha essa prática, a começar pelos infantes.

Trabalho atualmente como professor do Ensino Fundamental I e já trabalhei em CEIs – Centro de Educação Infantil – onde observei o despreparo das professoras ao ler ou contar uma história para os seus alunos. Elas desconhecem o texto a ser lido e, se o fazem, parecem que estão sendo obrigadas a executar tal ação, o que retira toda a ludicidade e o prazer que a contação de história pode proporcionar.

Palavras-chave: Leitura, história, aprendizagem, contação de histórias.

Abstract: This article is presented with the aim of investigating about what the real reasons why children do not have access to a meaningful reading for its development, and understand the relevance of reading in children's lives. I assume that there is adequate training of teachers in relation to children's literature. Reading practice is not a new topic, it has been discussed incessantly over the years, and data for researchers reveal that we are far from reaching the entire population has this practice, starting with infants.

I currently work as a teacher of elementary school and I've worked in CEIs - Centre for Childhood Education - where I watched the unpreparedness of teachers to read or tell a story to their students. They are unaware of the text to be read, and if they do, they look like they are being forced to perform such an action, which removes all the playfulness and pleasure that storytelling can provide.

Key words: Reading, history, learning, storytelling.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Acredito que ler é essencial, pois por meio da leitura testamos os nossos próprios valores e experiências. No final de cada livro, ficamos enriquecidos com novas experiências e novas ideias. Nada desenvolve mais a capacidade verbal do que a

¹Formada em Normal Superior, possui Pós-Graduação em Alfabetização e Letramento, Psicopedagogia Institucional e Educação Inclusiva. Atualmente é Professora da Rede Pública Municipal de São Paulo.

leitura, e, desta forma, podemos entender que a leitura deve fazer parte de nossas vidas desde a infância, de forma natural e sem muito custo.

A leitura, quando feita por adultos, de forma significativa é para as crianças uma atividade prazerosa, uma forma de brincar com as palavras, de proporcionar uma rica fonte para a imaginação da criança transportando-a para mundos diferentes.

Entendo, também, que os professores da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental são responsáveis por criar os laços das crianças com a leitura. Mas, será que eles estão capacitados para essa prática? Será que eles compreendem a importância da leitura na vida das crianças?

Vários são os autores, como Fanny Abramovich (1997), Bruno Bettelheim (2002) e outros que estudam a literatura infantil e apontam para seu significado na educação infantil.

Observo, nas atividades do cotidiano, que nem todos os professores estão participando de uma educação continuada, o que poderia auxiliá-los a compreenderem como essa fase é fundamental para a educação e desenvolvimento da criança.

Ao estudar esse tema, tenho como questões de pesquisa, descobrir se os professores sabem da importância da literatura infantil na vida da criança e, também, se os professores sabem como ler ou contar histórias. Parto da hipótese de que há um despreparo por parte dos professores para essa atividade, principalmente por não terem dado continuidade à sua formação inicial.

Tenho, como objetivos nesse estudo, aprimorar, enriquecer meus conhecimentos, além de compreender os benefícios da literatura na formação pessoal da criança, e oferecer a oportunidade aos interessados no tema de descobrirem o significado da leitura na vida dela.

Para a fundamentação teórica deste artigo, fiz uma pesquisa bibliográfica, baseando-me nos seguintes autores: Fanny Abramovich (1997), com seu livro *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*, que faz um estudo sobre a importância de as crianças ouvirem histórias desde pequenas. Já Nely Novaes (2000), em sua obra *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*, traz uma abordagem sobre a leitura e a literatura infantil no Brasil. Por sua vez, Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2007), em

Literatura Infantil Brasileira, apontam o panorama da Literatura Infantil no Brasil. Essas contribuições serão essenciais para compreender o tema em estudo.

Inicialmente, então, farei um estudo bibliográfico e, posteriormente, uma pesquisa exploratória de campo em Escolas de Educação Infantil, públicas e privadas, entrevistando professores para conhecer o que pensam, entende e como valorizam a literatura infantil e a contação de histórias. Após transcrever as entrevistas, analisarei as informações comparando-as com os teóricos estudados, a partir da abordagem qualitativa.

2. O QUE É LITERATURA?

Literatura é Arte, é um ato criador que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço, mesmo que se assemelhem aos que podemos reconhecer no mundo concreto que nos cerca, ali transformados em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção. COELHO (1986, p. 31)

A palavra Literatura vem do latim "*litterae*" que significa "letras". Em latim, literatura significa uma instrução ou um conjunto de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, e se relaciona com as artes da gramática, da retórica e da poética.

Como definir Literatura? Vamos partir do princípio de que é por intermédio de sua consciência cultural que os seres humanos se desenvolvem e se realizam de maneira integral. Assim, é fácil compreendermos a importância do papel que a literatura pode desempenhar para os seres em formação, então buscar a sua definição se torna difícil.

Para esse termo **Literatura Infantil** existem diversas conceituações, mas de acordo com Coelho (1986)

[...]nenhuma conseguiu ser completa e definitiva, pois cada época (ou cada teórico) fundamenta-se em uma determinada maneira de conhecimento ou fruição da vida, da arte, da palavra, dos valores/desvalores do mundo e da condição humana.

Literatura, conseqüentemente, no sentido mais amplo, é toda e qualquer manifestação do sentimento ou pensamento por meio da palavra. Tavares (2002) cita a célebre definição de De Bonald quando a chamou de "expressão da sociedade".

Segundo Coelho (1986), literatura é uma linguagem específica que, como

toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução.

Em linhas gerais, as interrogações dos estudiosos quanto à natureza e ao objetivo da literatura incidiram sobre certos pontos que, de época para época, são reavaliados. Então, para o autor (1986), os principais seriam:

□ Literatura, como arte da palavra, é um *jogo descompromissado*, que visa apenas o prazer estético, ou visa *transmitir conhecimentos* ao homem?

□ Literatura é fruto da *imaginação criadora*, livre? Ou é *condicionada por fórmulas*, conceitos ou valores que a sociedade impõe ao escritor? Ou ainda, literatura é criação *individual* ou *social*?

□ A literatura é *necessidade vital* para o homem, ou é mera *gratuidade, entretenimento* que nada acrescenta de essencial à vida humana?

□ Há uma *essência* eterna e substancial da literatura, ou ela é uma *forma estética da práxis social*? É ela um epifenômeno dependente do progresso ou da alteração das *condições de produção e consumo da obra*, vigentes em cada época ou em cada sociedade?

As interrogações poderiam multiplicar-se. Mas, cada resposta a essas preocupações de natureza literária dependerá sempre de uma opção ideológica. De acordo com Coelho (1986), como essas opções são múltiplas e mudam continuamente, fácil é compreendermos a quase impossibilidade de se chegar a uma definição clara e unívoca do que seja literatura.

A literatura é um fenômeno estético e ideológico, vinculado à cultura e à sua época. É o meio mais eficiente de enriquecimento e desenvolvimento da personalidade, é um passaporte para a vida e para a sociedade. Há quem acredite que literatura significa evasão, prazer estético, porém comprometida, de certo modo, com toda expressão de arte, com a educação, logo, com o real, com a experiência cognitiva.

E é na infância que se adquire o hábito de ler; é na criança que estão todas as potencialidades e disponibilidades para o prazer da leitura. Frida Mantovani (1979) nos diz: “A palavra faz a Literatura, e a Literatura é a história da educação de um povo”.

Já no século XVII, afirmava o filósofo John Locke que devia ser dado à criança “algum livro fácil e agradável, adequado à sua capacidade, a fim de que o

entretenimento que ela busca a motive e recompense”. E Rousseau, no século XVIII, em seu “Emílio”, propõe uma Literatura específica para a criança, explica Carvalho (1984).

A literatura ajuda as crianças e os jovens a crescerem, a resolverem seus problemas de ordem psicológica, ética, moral e social.

É no acervo medieval que encontra-se as fontes da Literatura Infantil, mais precisamente no século XVII.

3. A LITERATURA INFANTIL

O tema Literatura Infantil nos faz pensar sobre algo engraçado e fantástico, pois o termo é carregado de significados e se a arte de escrever já é, em si, complexa e difícil, torna-se mais engenhosa quando para crianças.

Carlos Drummond de Andrade (1964) escreveu:

O gênero literatura infantil tem a meu ver existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de construir alimento para o espírito da criança ou jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinados a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa de desfaz. Será a criança um ser à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado – porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? Vêm-me à lembrança as miniaturas de árvores com que se diverte o sadismo botânico dos japoneses; não são organismos naturais e plenos, são anões vegetais. A redução do homem que a literatura infantil implica dá produtos semelhantes. Há uma tristeza cômica no espetáculo desses cavalheiros amáveis e dessas senhoras não menos gentis, que, em visita a amigos, se detêm a conversar com as crianças de colo, estas inocentes e sérias, dizendo-lhes toda sorte de frases em linguagem de gente grande, apenas deformada no final das palavras e edulcoradas na pronúncia... Essas pessoas fazem oralmente, e sem o saber, literatura infantil.

Regina Zilbermann (1981) escreveu: “Gênero incompreensível sem a presença de seu destinatário, a literatura infantil não pode surgir antes da infância”.

Na sociedade antiga, como vimos, não havia infância, ela era entendida como “nenhum espaço separado do mundo adulto”.

Ela continua: “Portanto, a literatura infantil talvez seja tão somente uma fase histórica, passageira como a condição de seus leitores, dependendo sua eliminação da modificação da estrutura social que a gerou”

Góes (1987) discorda da afirmação da professora Regina Zilbermann quanto à concepção de que a infância seria uma fase histórica. Ela acredita que a criança existe e sempre existirá, “independente do espaço que o adulto reservará ou reservou para ela.”

Considerando, assim, a literatura infantil – Literatura -, portanto, arte que existe desde que o homem iniciou suas primeiras manifestações artísticas, a literatura infantil tem sua origem na idade oral do mito.

4. A LITERATURA INFANTIL E SUA IMPORTÂNCIA

Toda leitura é interpretação, e o que o leitor é capaz de compreender e de aprender através da leitura depende fortemente daquilo que o leitor conhece e acredita a priori, ou seja, antes da leitura. (Ferreiro, 1990, p. 15)

A Literatura é uma fonte rica, que abre infinitas possibilidades para a criança compreender, por meio da fantasia e da imaginação, o que acontece à sua volta. A partir da literatura, as crianças podem se apropriar de culturas e saberes historicamente acumulados pelo homem.

Para Carvalho (1984):

A Literatura é, sem dúvida, a forma de recreação mais importante da vida da criança: por manipular a linguagem verbal, pelo papel que desempenha no crescimento psicológico, intelectual e espiritual da criança; pela riqueza de motivações, de sugestões e de recursos que oferece.

Por sua vez, para Pinto (1999 apud Rufino e Gomes, 1999, p. 11),

A Literatura Infantil tem um grande significado no desenvolvimento de crianças de diversas idades, onde se refletem situações emocionais, fantasias, curiosidades e enriquecimento do desenvolvimento perceptivo. Para ele a leitura de histórias influi em todos os aspectos da educação da criança: na afetividade: desperta a sensibilidade e o amor à leitura; na compreensão: desenvolve o automatismo da leitura rápida e a compreensão do texto; na inteligência: desenvolve a aprendizagem de termos e conceitos e a aprendizagem intelectual.

A importância relevante da literatura na vida das crianças e o conseqüentemente hábito da leitura não dependem da criança e sim de nós, professores. O desenvolvimento do interesse e hábitos permanentes de leitura é um processo que Bamberger (1977) afirma se iniciar no lar e se aperfeiçoar sistematicamente na Escola.

5. A LITERATURA INFANTIL NA VIDA DA CRIANÇA

“A literatura é tão encantadora justamente porque a imaginação é muito mais importante que o conhecimento.” Ziraldo

A Literatura – Mitos, Lendas, Fábulas, Contos, qualquer que seja sua forma de expressão, é uma das mais importantes conquistas do homem. Conhecer, transmitir e comunicar é imprescindível para o ser humano.

Hoje é de conhecimento de todos que a infância constitui uma fase especial de evolução e formação, com as suas implicações específicas e suas complexidades, em nada comparável com o adulto. Sendo assim, a Literatura Infantil serve como agente formador e transformador do indivíduo.

De acordo com Zilberman & Lajolo (1985, p.25),

A literatura infantil, nesta medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de *uma* tarefa a que está voltada toda a cultura - a de conhecimento do mundo e do ser.

A Literatura Infantil tem um valor inestimável na vida da criança, enriquece a imaginação e propicia a liberdade espiritual, o que leva a criança a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade.

O conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral, como diz Arminda Aberastury (1992, p.55) “A criança que brinca, investiga. Seu mundo é rico e, em contínua mudança, inclui um intercâmbio permanente entre fantasia e realidade”.

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu mundo mágico, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói.

Reconhecer a importância da literatura infantil e incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância, é sem dúvida imprescindível.

Propiciar hábitos que contribuam para a prática da leitura, incluindo a leitura de imagem feita pelos infantes, e todas as outras formas possíveis, é o essencial em nossa sociedade, de acordo com Sandroni & Machado (2000, p.12): “a criança percebe, desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer”.

Mas, como oportunizar esta ação?

Compreender os estágios de desenvolvimento da criança, saber indicar um livro e fazer uma leitura de qualidade, são práticas que contribuem, pois nem todo

livro pode ser lido pela criança, mas quase todos podem ser narrados ou contados a ela.

Os livros são o principal veículo ao mundo maravilhoso; os destinados ao público infantil devem atender a certos requisitos que, segundo Carvalho (1984), são indispensáveis, pois se a criança consumir uma leitura inadequada, que não responda aos seus interesses, pode vir a se desinteressar pela literatura infantil.

Para compreender melhor as fases de desenvolvimento infantil, a Psicologia nos chamou a atenção para os diferentes estágios de desenvolvimento infanto-juvenil e sua importância para a evolução e formação da personalidade da criança.

6. A ARTE DE SE CONTAR HISTÓRIAS

O mundo é um livro sem texto, criado a partir da palavra. Dizendo-se faça-se a luz, a água, a terra, o caos se curaram. Livro sem texto onde me vejo elaborando orações, apaziguando as imensas emoções percebidas nesse mar de linhas e horizonte de eternas leituras. Desde o início em que me lembro, leio ininterruptamente suas páginas, recorrendo a todos os meus sentidos, acrescentando ainda o fantasiado, na tentativa de me acalantar frente a tão imenso mistério. E sobre esse remoto livro sem texto – invenção original primeira – busco atribuir significado a tudo que ultrapassa meu pouco poder. Frequentemente, incapaz de decifrar os enigmas, recorro ao imaginário, resgatando elementos para me proteger diante de tamanha intensidade. E só a palavra me inscreve. (QUEIRÓS, 1996, p. 23)

A contação de histórias se firma na atualidade como uma modalidade artística e configura-se como forte aliada na formação de leitores. Frequentemente é solicitada para animar programas de leitura e eventos onde o livro está presente. Mas, qual a real importância do ato de contar histórias?

Será que os velhos contos da carochinha não têm nenhum valor instrutivo, somente serve de passatempo? Será que os professores compreendem a importância do seu papel em relação à arte de contar histórias?

É na infância que se trabalha o adulto: iniciando-se a criança nas coisas e no espírito, sensibilizando-a, tornando-a receptiva às manifestações da beleza, desde que ela começa a ver o mundo que a cerca. A Literatura é a forma de recreação mais importante na vida da criança, além de propiciar o desenvolvimento psicológico, intelectual e emocional. Ouvindo histórias, as crianças enriquecem seu repertório linguístico e amplia sua bagagem cultural, ajustando-se ao seu mundo afetivo por meio de símbolos.

Os livros ajudam as crianças e jovens a crescer. Segundo Abramovich (1997),

quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar, de forma mais clara, sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e de carinho, curiosidade, dor, perda, além de ensinarem infinitos assuntos.

A autora diz mais: “Ouvindo histórias se pode sentir emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras coisas mais, pois, além de ouvir, é sentir e enxergar com os olhos do imaginário!”. (ABRAMOVICH, 1997 apud MARCELINO, 1989, p. 36).

Portanto, garantir a riqueza da vivência narrativa desde os primeiros anos de vida da criança contribui para o desenvolvimento do seu pensamento lógico e também de sua imaginação, que segundo Vygotsky (1992, p.128) caminham juntos: "a imaginação é um momento totalmente necessário, inseparável do pensamento realista". Nesse sentido, o autor enfoca que na imaginação a direção da consciência tende a se afastar da realidade.

A Literatura, passada de geração a geração, se constituiu no principal veículo pelo qual são transmitidas as histórias de várias culturas. Sendo assim, a arte de contar histórias é uma arte popular.

Segundo Novaes Coelho (1982, p. 21-22):

[...] torna-se fácil compreender por que a Literatura foi usada, desde as origens como instrumento de transmissão de valores (...). Tendo em vista as peculiaridades da mente popular e da infantil, compreende-se que a linguagem poética tivesse sido utilizada, desde os primórdios para transmitir padrões de pensamento ou de conduta às diferentes comunidades. Uma vez que tais padrões são essencialmente abstratos, dificilmente poderiam ser compreendidos ou assimilados por mentes que vivem muito próximas da natureza sensorial, do concreto e, como tal, propensas a conhecerem as coisas através das emoções e da experiência concreta. Transmitidos em uma linguagem lógica racionalizante e abstrata (como a filosofia...), tais valores não os atingiriam a fundo. Daí a importância que a linguagem literária assumiu, para os homens, desde os primórdios da civilização. Ela é a linguagem da representação, linguagem imagística que, como nenhuma outra, tem o poder de concretizar o abstrato, através de comparações, imagens, símbolos, alegorias etc.

Também, segundo o folclorista brasileiro, Câmara Cascudo (2006, p.26):

Ninguém deduzirá como o povo conhece a sua literatura e defende as características imutáveis dos seus gêneros. É como um estranho cânon para cujo

conhecimento não fomos iniciados. Iniciação que é uma longa capitalização de contratos seculares com o espírito da própria manifestação da cultura coletiva. Contar histórias é, acima de tudo, parte do nosso cotidiano, como afirma Gotlib (2000, p.5):

Sob o signo da convivência, a história sempre reuniu pessoas que contam e que ouvem: em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos, para a transmissão de mitos e ritos da tribo; nos nossos tempos, em volta da mesa, à hora das refeições, pessoas trazem notícias, trocam ideias e ... contam casos.

Para contar histórias não há regras; contar histórias é brincar com versos, com rimas ou simplesmente palavras. Mas, em relação aos educadores este ato deve ser feito com intencionalidade, buscando o desenvolvimento integral da criança.

Nos grandes clássicos da literatura infantil, encontramos a presença surpreendente do contador de histórias. Trata-se dessa figura que envolve os ouvintes no mundo narrativo, cativando-os a ouvir suas histórias e a render-se à contemplação que, por vezes, faz com que o ouvinte se veja participante da narrativa ou encontre nas emoções e ações vivenciadas aspectos que espelham seu próprio ser.

Ora, a criança só pode gostar das coisas que percebe e sente: recriando, criando, e concretizando com sua imaginação. Porém, os professores, atualmente, não reconhecem a importância da Literatura Infantil no processo de desenvolvimento da criança.

Os professores, ao lerem o livro para a criança, o fazem sem qualquer prazer, somente por obrigação, por estar estabelecido no currículo escolar. Assim, afirma Ana Maria Machado:

Não sei o que está havendo com a formação dos professores hoje, mas com toda certeza [...] eles não tiveram seu entusiasmo pela literatura despertado e, sem isso, não estão preparados para transmitir aos jovens o que eles mesmos não têm. Não acredito que ninguém ensine outra pessoa a ler literatura. Pelo contrário, estou convencida disso sim, de que o que uma pessoa passa para outra é a revelação de um segredo, o amor pela literatura. Mais uma contaminação do que um ensino

Leitura sem compreensão não é leitura. A arte, a fantasia não se condicionam à idade, mas à sensibilidade. Isso, porém, não invalida a necessidade e a eficácia de educar pela arte, para despertar a consciência de ser, desenvolver os sentimentos, cultivar conhecimentos, consolidar cultura, mesmo em se tratando dos menos dotados de sensibilidade. É tarefa que cabe a nós, educadores, transformá-la em instrumento de formação, com recursos que a façam atingir o menor, realizando nosso objetivo.

As histórias, além de encantarem e divertirem, são uma importante ferramenta educacional. Em busca da resposta sobre qual a real importância de se contar

histórias? Encontrei o mesmo questionamento feito pela escritora Fanny Abramovich (1997). Ela elabora e responde a pergunta: **Ouvir histórias é mesmo importante?**

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai, ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagem), livros atuais ou curtinhos, poemas sonoros e outros mais, contados durante o dia, numa tarde de chuva, ou estando todos soltos na grama, num feriado ou domingo – ou num momento de aconchego, à noite, antes de dormir, a criança se preparando para um sono gostoso e reparador, e para um sonho rico, embalado por uma voz amada.

A partir da resposta da autora é possível compreender que as histórias ensinam a criança a crescer e a pensar. Todas as histórias, de uma forma ou outra, contribuem para educação, porém diferenciam-se quanto à intensidade e características. Algumas desenvolvem a imaginação, outras, o senso crítico, por exemplo.

É no âmbito cultural que podemos observar a contação de histórias como fator básico para a leitura de mundo do indivíduo, fator esse usado desde a antiguidade, pois, como disse Coelho (1982), quando a humanidade não consegue explicar o que acontece cria o mito.

Assim, podemos considerar que a contação é um recurso básico na formação de leitores por proporcionar o envolvimento do leitor iniciante com o texto, com o mundo, com o outro e consigo mesmo. A aplicação da contação de histórias nas aulas de leituras é possível e viável como percebemos tanto com a discussão teórica quanto com os relatos dos professores/contadores de histórias, porém percebemos que há necessidade de uma sistematização maior entre contar histórias e formar leitores, necessitando, também, de uma reflexão mais aprimorada e intensa por aqueles que se preocupam com a questão da formação de leitores.

7. METODOLOGIA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA

Buscando entender, se as professoras de Educação Infantil e Ensino fundamental I compreendem a importância da Literatura Infantil para o desenvolvimento integral da

criança, apresento neste capítulo, uma pesquisa de campo realizada em uma escola particular e uma creche conveniada com a prefeitura.

A pesquisa tem como finalidade, analisar como as professoras da Educação Infantil, exercem as atividades com a literatura infantil, e se essas mesmas professoras possuem o hábito de leitura com seus alunos e quais didáticas utilizam.

Essa metodologia, portanto, permite, em virtude de tratar-se de um estudo no campo da Educação Infantil e Ensino Fundamental I serem realizado em seu ambiente natural, que é a escola, tendo como fonte direta de dados e como principal instrumento, o questionário, predominantemente descritivo, o que possibilita entender o significado que as pessoas dão às coisas e que são o foco de estudo do pesquisador, além do contato direto do pesquisador com a situação estudada.

A análise das informações permite seguir um processo de afinilamento, possibilitando a obtenção de maior precisão no estudo desenvolvido, principalmente quando a expressão utilizada pelos sujeitos é crucial para a investigação, afirma Lüdke (1986, p.13).

Como mecanismo de coleta de dados, foram utilizados questionários, para descreverem qual o conhecimento das professoras acerca da Literatura Infantil e da importância para o desenvolvimento infantil e do futuro leitor.

Participaram desta pesquisa quinze professoras, cinco de escola particular, cinco de escola estadual e dez de escola municipal (creche conveniada).

7.1- ANÁLISE DOS DADOS DA PESQUISA

A manifestação das professoras a respeito da “Literatura Infantil” apresentou-se de forma variada, expressando não só conhecimento e competência, mas também responsabilidade e comprometimento no trato das questões.

As professoras da rede particular e da rede estadual, em sua grande maioria, tem o hábito de ler frequentemente, já as professoras da rede municipal conveniada possuem um hábito esporádico o que conseqüentemente irá prejudicar sua atuação pedagógica. De acordo com a parte teórica pesquisada, a importância relevante da literatura na vida das crianças e o conseqüentemente hábito da leitura não dependem da criança e sim de

nós, professores. O desenvolvimento do interesse e hábitos permanentes de leitura é um processo que Bamberger (1977) afirma se iniciar no lar e se aperfeiçoar sistematicamente na Escola.

As professoras em geral têm o hábito de ler para seus alunos, elas reconhecem a importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem. Referindo-se aos autores pesquisados, pode-se entender que reconhecer a importância da literatura infantil e incentivar a formação do hábito de leitura na idade em que todos os hábitos se formam, isto é, na infância, é sem dúvida imprescindível.

Considerando as respostas obtidas na pesquisa, foi possível observar que muitas professoras não tiveram aulas sobre Literatura Infantil, o que prejudica a prática em sala de aula, pois muitas não têm uma formação continuada e estão fazendo, segundo relatos, curso superior por exigência do poder público.

Esses índices nos mostram que os professores estão despreparados acerca da Literatura Infantil. Compreendemos, também, a partir dos estudos realizados, que as universidades precisam renovar seus métodos para que nelas sejam formados professores pesquisadores, que investiguem sua própria prática, que procurem estar atualizados tanto dentro da sua área específica quanto em relação às mudanças decorrentes das diferentes necessidades que a sociedade apresenta.

Os livros são o principal veículo ao mundo maravilhoso; os destinados ao público infantil devem atender a certos requisitos que, segundo os autores pesquisados, são indispensáveis, pois se a criança consumir uma leitura inadequada, que não responda aos seus interesses, pode vir a se desinteressar pela literatura infantil.

Para se trabalhar com um livro o interessante e essencial é que o professor faça uma leitura antecipada do texto, verificando se o mesmo vai ao encontro de seus objetivos. Ler ou ouvir, Histórias Infantis, são de suma importância para o desenvolvimento da criança, segundo nossos autores, para contar histórias não há regras, mas, em relação aos educadores este ato deve ser feito com intencionalidade, buscando o desenvolvimento integral da criança.

O professor deve se atentar aos requisitos de cada faixa etária para alcançar seu objetivo.

De acordo com os autores pesquisados, a Literatura, passada de geração a geração, se constituiu no principal veículo pelo qual são transmitidas as histórias de várias culturas. Sendo assim, a arte de contar histórias é uma arte popular.

Correlacionando com as respostas obtidas, ouvir histórias tem um significado inestimável, e que nos marcam por toda vida. Carregamos conosco os modelos de leitores. Somente uma das entrevistadas mencionou a professora como modelo de contador de histórias, o que faz com que repensemos em nossa prática docente.

Ainda de acordo com os autores, as histórias nos ensinam a crescer e a pensar, de uma forma ou outra, contribuem para educação, porém diferenciam-se quanto à intensidade e características.

Todas as professoras entrevistadas reconheceram a importância da Literatura Infantil, mas não conhecem profundamente qual o seu significado efetivo. Muitas parecem ter respondido por dedução e, não, por convicção, o que nos reporta aos estudiosos do assunto.

Leitura sem compreensão não é leitura. A arte, a fantasia não se condicionam à idade, mas à sensibilidade. Isso, porém, não invalida a necessidade e a eficácia de educar pela arte, para despertar a consciência de ser, desenvolver os sentimentos, cultivar conhecimentos, consolidar cultura, mesmo em se tratando dos menos dotados de sensibilidade.

Portanto, é tarefa que cabe a nós, educadores, transformá-la em um instrumento de formação, com recursos que a façam atingir os alunos, realizando nosso objetivo.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ouvir histórias é sinônimo de deleitar, entreter, instruir... Elas proporcionam viagens a terras distantes e a mundos cheios de encantos e desencantos.

A literatura infantil, com uma pitada de ludicidade, contribui com o desenvolvimento integral da criança, mas nem todos os educadores sabem da importância deste tesouro escondido dentro dos mais diversos livros infantis.

Por meio deste trabalho busquei apresentar a importância da literatura e, mais propriamente, a infantil. A partir do estudo bibliográfico compreendi que esta triste

realidade fere a muitos educadores atualmente, e que tais feridas são frutos da má formação.

A partir da pesquisa de campo observei que as educadoras não gostam de ler, o que infelizmente prejudica a sua atuação em sala de aula. Se o educador não lê, não busca descobrir a imensidão de literaturas que existe, não terá instrumentos e nem argumentos para trabalhar com seus alunos.

Para que o educador possa exercer seu papel de maneira significativa, é preciso que ele tome gosto pela leitura e descubra quais os benefícios que a literatura infantil pode proporcionar às crianças, sendo primordial que ele busque novos conhecimentos acerca do tema e tenha uma formação continuada.

8. REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione,

1997. ARIES, Philippe – **História Social da Criança e da Família**. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978

ALMEIDA, Ordália Alves. **A Educação Infantil na história: A História na Educação Infantil**. Disponível em: <http://www.omep.org.br/artigos/palestras/01.pdf> . Acesso em 02.set.2011. 20h30

ANDRADE, Carlos Drummond. **“Literatura Infantil” in Confissões De Minas. Literatura Obra Completa**. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1964.

ANDRÉ, M. **Pesquisa, Formação e prática decente**. In: André, M. (org). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2006 – (Série prática pedagógica). Cap. 3, pp. 55-69.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofando: Introdução a Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

BARRETO, Ângela M. R. **Situação atual da educação infantil no Brasil**. In: Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Subsídios para o credenciamento e funcionamento de instituições de educação infantil. v. 2. Coordenação Geral de educação infantil. Brasília: MEC/SEF/COEDI, 1998.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A Literatura Infantil: visão histórica e crítica**. 2.ed São Paulo: Edart, 1982.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **A Literatura Infantil: Visão histórica e Crítica**. 6 ed. São Paulo: Lotus, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história - análise**. São Paulo: Quirón, 1981.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: história - análise**. São Paulo: Moderna, 2000.

CRISTIANE MADANÊLO DE OLIVEIRA. **"LIVROS E INFÂNCIA"** Disponível na internet via WWW URL: <http://graudez.com.br/litinf/livros.htm> Acesso em 18/10/2011, hora 18h24.

CUNHA, Maria Antonieta A. **Literatura Infantil – teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2004.

GARCÍA, Ferran Candela. **O currículo na educação Infantil**. In: ARRIBAS, Tereza Lleixà e colaboradores: **Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. Cap. 1, p. 19 -32.

GOES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1991

LAJOLO, M. ; ZILBERMAN, R. **Literatura Infantil Brasileira – História e Histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino)

MACHADO, Ana Maria. **Texturas: sobre leituras e escrito**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil**. Trad. **Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo : Ática, 1982

TAVARES, Hênio Último da Cunha. **Teoria Literária**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.

ZILNERMAN, R. **A Literatura Infantil na Escola**. Porto Alegre. 5ª ed. Global, 1985.

AS DIVERSIFICADAS BRINCADEIRAS E SEUS BENEFÍCIOS

Camila de Jesus Gonçalves Queiroz

Procuraremos contextualizar a importância do brincar na educação infantil., apontando em quais aspectos a brincadeira pode contribuir para o desenvolvimento da criança, porém, é exatamente neste ponto, que buscaremos as principais competências e habilidades que os docentes devem adquirir para que se possa conquistar os benefícios que o brincar é capaz de proporcionar aos alunos da educação infantil. Dessa forma, focar as habilidades e competências que os educadores devem adotar, também envolvem os pais, os alunos, a visão da sociedade e a gestão escolar. É com esse conjunto que se podem compreender os benefícios do brincar e assim privilegiar o desenvolvimento dos alunos de educação infantil.

Palavras-chave: Educação, criança, brincadeiras.

DESENVOLVIMENTO

Dar-lhes oportunidades para que, brincando, liberem sua capacidade de criar e de reinventar o mundo, de liberar sua afetividade e de ter suas fantasias aceitas e favorecidas para que, através do mundo mágico do faz de conta, possam explorar seus próprios limites e partir para a aventura que poderá levá-las ao encontro de si mesmas. (CUNHA, 2001, p. 10)

Existe um processo em que o professor, gestor e família devem elaborar e respeitar para efetivar o ato de brincar no processo de desenvolvimento das crianças.

A efetividade desse processo significa garantir aos alunos o acesso para brincar, e, sobretudo valorizar o momento em que a brincadeira está acontecendo, seja ela livre ou direcionada, pois assim esse momento se torna favorável para a evolução do comportamento social das crianças.

Camila de Jesus Gonçalves Queiroz

Na educação infantil, as crianças começam a assumir mais responsabilidades sobre si mesmas, como vestirem-se sozinhas. Começam também a se identificar com os adultos e a entender as oportunidades disponíveis em sua cultura. A brincadeira começa a ter um propósito quando as crianças exploram papéis adultos, como o de mãe, pai ou professor. As crianças começam a explorar o meio ambiente sozinho, a fazer inúmeras perguntas sobre o mundo a imaginar possibilidades para si mesmas. (KAIL, 2004,p.272)

Tendo em vista este pressuposto, é importante que o educador tenha foco na sua atuação e consciência no importante papel que a brincadeira tem para auxiliar as crianças.

Para complementar a brincadeira, o uso dos brinquedos ou materialidades oferece um auxílio para cada ação ou objetivo que o educador queira alcançar, pois, diante da pesquisa realizada até o momento, notamos que há distinções entre jogo, brinquedo e brincadeira. E cada um dentro da sua característica assume um papel indispensável para favorecer as crianças e o ato de educar.

Segundo Kishimoto (2001, p. 40) é interessante “ressaltar algumas modalidades de brincadeiras presentes na educação infantil”.

1 Brinquedo educativo (jogo educativo)

O brinquedo educativo ou jogo educativo é destinado para situações de ensino-aprendizagem, é existente desde os tempos do Renascimento, porém está se valorizando no século atual com o reconhecimento da educação infantil.

Entendido como recurso que ensina, desenvolve e educa de forma prazerosa, o brinquedo educativo materializa-se no quebra-cabeça destinado a ensinar formas ou cores, nos brinquedos de tabuleiro que exigem a compreensão dos números e das operações matemáticas, nos brinquedos de encaixe, que trabalham noções de sequência, nos múltiplos brinquedos e brincadeiras, cuja concepção exigiu um olhar para o desenvolvimento infantil. (KISHIMOTO, 2011, p.40)

Dessa forma o brinquedo ou jogo educativo se torna um importante auxílio para potencializar o desenvolvimento da criança tanto afetivo, social, cognitivo ou físico, pois cada um dentro da sua característica favorece também a descobertas das habilidades.

Ao assumir a função lúdica e educativa, o brinquedo educativo merece algumas considerações, como função lúdica onde o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente; E a função educativa, onde o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. (KISHIMOTO, 2001, p.42)

Diante dessas duas comparações, seria de muita eficácia o educador possuir um olhar para além das situações de ensino-aprendizagem, unindo o brincar e o educar, pois, juntos tanto a criança como o professor terão acesso ao recurso lúdico e educativo.

Ao se realizar um trabalho com um determinado jogo educativo, o educador pode se deparar com alunos que não executem a ação que o jogo exija, porém, o aluno dentro da sua habilidade pode realizar uma nova ação com o uso do jogo e assim irá acrescentar de maneira positiva o desenvolvimento da criança. Como Kishimoto (2001, p.42) afirma que “apesar da riqueza de situações de aprendizagens que o jogo propicia nunca se tem a certeza de que a construção do conhecimento efetuado pela criança será exatamente a mesma desejada pelo professor”.

A utilização do jogo educativo como suporte da brincadeira tem assumido um papel muito importante nas ações dos professores de educação infantil e este favorece o estímulo para a construção do conhecimento.

2 Brincadeiras Tradicionais Infantis

A brincadeira tradicional infantil, está voltada à experiência da cultura popular, pode passar por alterações variando de cada região, pertence ao

folclore e é transmitida normalmente de geração para geração, podendo citar a amarelinha, soltar pipas, rodar pião e outras.

A força de tais brincadeiras explica-se pelo poder da expressão oral. Enquanto manifestação livre e espontânea de cultura popular, a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e permitir o prazer de brincar. Por pertencer à categoria de experiências transmitidas espontaneamente conforme motivações internas da criança, a brincadeira tradicional infantil garante a presença do lúdico, da situação imaginária. (KISHIMOTO, 2001, p. 43)

Apesar da sua simplicidade, sua prática oferece para as crianças situações de convivência e socialização, contribuindo para um bom desenvolvimento interpessoal. Incentivar essas brincadeiras nas escolas ou até mesmo em casa pode fortalecer laços, enriquecendo as experiências infantis.

3 Brincadeiras de faz de conta

O brincar de faz de conta constitui uma das formas mais significativas de expressão da criança na educação infantil. Ao envolver-se nesse tipo de brincadeira, a criança utiliza sua imaginação para representar papéis, situações e cenários que refletem tanto sua vivência quanto sua capacidade criativa. Observa-se que, durante essas interações simbólicas, há um intenso exercício da linguagem oral, da socialização e da construção de regras compartilhadas, elementos essenciais para o desenvolvimento cognitivo e social.

A brincadeira de faz de conta ou simbólica evidencia a presença da situação imaginária, sua ação é representada pela linguagem em torno dos dois ou três anos de idade, a criança ao brincar expressa situação do seu contexto social e do seu meio de convívio, altera o significado dos objetivos e expressa suas fantasias

No faz de conta, a criança assume identidades fictícias — como mãe, pai, médico, professora, animal, herói, entre outras — e simula ações do mundo adulto ou de universos imaginários, demonstrando compreensão das relações sociais e culturais que observa ao seu redor. Essa prática permite não

apenas a elaboração de emoções e experiências, mas também o fortalecimento da empatia, da cooperação e do raciocínio lógico.

Do ponto de vista pedagógico, o brincar simbólico favorece a construção do pensamento abstrato, amplia o vocabulário, estimula a criatividade e contribui para o desenvolvimento da autonomia. Além disso, promove situações de aprendizagem espontâneas, nas quais a criança aprende enquanto se diverte, sendo protagonista de suas próprias descobertas.

Dessa forma, o faz de conta deve ser incentivado e valorizado no cotidiano da educação infantil, com a oferta de materiais variados e espaços que favoreçam a livre expressão, a imaginação e a interação entre pares. Trata-se de uma prática lúdica que enriquece o processo educativo e contribui para o desenvolvimento integral da criança. Segundo Kishimoto (2011, p.44), “o conteúdo do imaginário provém de experiências anteriores adquiridas pelas crianças, em diferentes contextos”.

As ações praticadas e adquiridas enquanto a criança brinca simbolicamente está atrelada com o relacionamento familiar e atitudes do professor com a qual a criança convive.

Os atos das brincadeiras simbólicas dependem do currículo da escola, ou seja, o tempo, o espaço, os brinquedos ou objetos e a interação do educador é que garante que a criança terá a possibilidade de brincar.

A importância dessa modalidade de brincadeira justifica-se pela aquisição do símbolo. É alterado o significado de objetos, de situações, é criando novos significados que se desenvolve a função simbólica, o elemento que garante a racionalidade ao ser humano. Ao brincar de faz de conta a criança está aprendendo a criar símbolos. (KISHIMOTO, 2001, p.44)

Este momento, também se torna uma oportunidade para o educador sondar, analisar e compreender o seu aluno. Pois a criança quando brinca simbolicamente cria uma ponte entre o real e o imaginário. Sendo assim, a brincadeira a brincadeira de papéis também cria uma zona de desenvolvimento próximo para as crianças, pois como diz Vygotsky (2008), na brincadeira a criança sempre age como se fosse mais velha, tem atitudes que estão além da

sua média de idade. Este é um aprendizado importante para a autodisciplina, que se aprende naturalmente ao brincar- e não pela imposição do adulto.

4 Brincadeiras de construção

Os jogos de construção possibilitam ao aluno a experiência sensorial, criativa e desenvolve diferentes habilidades motoras.

Froebel foi um dos educadores que valorizou as brincadeiras de construção como um recurso para auxiliar as crianças.

Um dos exemplos de brinquedos de construção são os tijolinhos de empilhar, peças de madeira em formas geométricas que proporciona ao aluno o trabalho manual e criativo.

Dessa forma para Kishimoto (2001, p.45), “quando está construindo, a criança está expressando suas representações mentais, além de manipular objetos”.

Toda essa experiência contribui para que o aluno se desenvolva.

Para se compreender a relevância das construções é necessário considerar tanto a fala como a ação da criança que revelam complicadas relações. É importante, também, considerar as ideias presentes em tais representações, como elas adquirem tais temas e como o mundo real contribui para a sua construção. (KISHIMOTO, 2011, p.45)

Dessa forma a interação do professor com a criança favorece a construção de habilidades promovendo um aprendizado lúdico e significativo, bem como os materiais disponibilizados devem ser vistos como elementos que permitem às crianças diversas experiências, possibilitando ações criativas, permitindo às crianças ampliação de potencialidades e competências.

Diante dos exemplos citados neste capítulo é notável que o ato de brincar seja enriquecedor para a educação infantil e em qualquer situação ou momento o educador pode possibilitar essa importante e valiosa experiência aos seus alunos.

A concepção do educador exige uma atitude madura, experiente e

Camila de Jesus Gonçalves Queiroz

qualificada, onde, o educador não se deixe envolver pelo senso comum, mas sim por uma vasta experiência que pode ser adquirida por formação continuada, e esta experiência deve ser reconhecida como um importante alicerce para a qualidade da atuação do professor de educação infantil.

Em vez de um método único de ensino, baseado em um processo cognitivo que se julga perfeito, homogêneo e irreversível, propõe o encorajamento da familiaridade das crianças com novas situações, a legitimação, para elas, de um espaço de participação amplo e diversificado nas atividades propostas. (OLIVEIRA, 2011, p.185)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convém mencionar que a ação de novas atitudes educacionais se torna um facilitador no processo de desenvolvimento das crianças de educação infantil, pois, ao somar todas as características possíveis que a brincadeira proporciona, se torna viável aos alunos da educação infantil o ato de brincar como ferramenta para buscar a autonomia tanto do aluno como do professor.

O benefício que a brincadeira proporciona para as crianças depende também da qualificação e atuação do professor, se tornando assim, um diferencial nas ações e práticas realizadas na educação infantil

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARBONINI, Adriana. *Conexões quanto mais, melhor!* Projetos Escolares Creche, São Paulo, Ano 5 N° 27, p. 29-31.

CUNHA, Nylse Helena S. *Brinquedoteca Um mergulho no brincar*. São Paulo: Vetor, 2001.

FRIEDMANN, Adriana. *O direito de brincar*. São Paulo: Scritta, 1992.

KAIL R. V. *A Criança*. São Paulo: Pearson, 2004.

KISHIMOTO, Tizuko M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2011.

MOYLES, Janet R. *Só Brincar? O papel do brincar na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes. *Educação Infantil fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2011.

LUDOTERAPIA: OS DESÁFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Vera Lúcia Alves

RESUMO

O presente trabalho visa contribuir para a melhoria das práticas pedagógicas em educação especial. Conhecendo a percepção dos profissionais de educação especial face à Ludoterapia e demonstrar, através de uma abordagem qualitativa, que este procedimento é capaz de operar a diferenciação pedagógica, complementada com outras metodologias e terapias em alunos com necessidades educativas especiais, a Ludoterapia é um procedimento privilegiado para alunos especiais ao estimular o seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor e socioafetivo, ao promover uma socialização melhor e um modelar de atitudes /personalidades mais adequado e que as características do método ludoterapêutico são essenciais aos bons resultados na intervenção com crianças em contexto educativo

Palavras-chave: Educação Especial, Ludoterapia, Necessidades Educativas Especiais.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida deste trabalho é o estudo em compreender e analisar o complexo mundo das perturbações do desenvolvimento, de modo a olhar para elas não como um problema, mas sim como um desafio pedagógico.

Por conseguinte, o profissional de educação tem de ser um agente de mudança e refletir sobre as práticas pedagógicas mais adequadas às necessidades especiais dos seus alunos, tendo a responsabilidade de lhes dar instrumentos para construir uma vida, tocar-lhes o destino e moldar-lhes o futuro de forma inclusiva, autónoma, digna, preparada e feliz.

Concretamente visou-se demonstrar que a Ludoterapia favorece o

Vera Lúcia Alves

desenvolvimento cognitivo, psicomotor e socioafetivo da criança com necessidades educativas especiais e que é uma metodologia adequada, pois promove a diferenciação pedagógica e curricular necessária à escola inclusiva a concepção construtivista de PIAGET (1978), como a sociointeracionista de VIGOTSKY (1998), valorizam o jogo e a interação lúdica no desenvolvimento da criança.

O primeiro autor analisa o processo de desenvolvimento da criança e a função do jogo no mesmo, tendo em conta a sua evolução nos diferentes estágios; o segundo destaca as interações sociais que o jogo promove e, portanto, o fato de a arte de brincar poder ajudar a criança a comunicar com o mundo que a rodeia e consigo mesma, contribuindo para o seu crescimento e amadurecimento. Segundo KISHIMOTO (2003), o jogo poderá ser utilizado na sala de aula como recurso didático na aprendizagem do aluno, potenciando assim as suas capacidades. Todavia, a sua aplicação tem de ser construtiva e não um mero conjunto de atividades sem sentido, pelo que é preciso que haja objetivos bem definidos orientados para o desenvolvimento do aluno, atendendo às suas necessidades específicas. Brincar é viver e as crianças brincam porque esta é uma necessidade tão básica como comer ou dormir. Todavia, toda e qualquer brincadeira deve ser dirigida e orientada pelos professores, educadores, pais/encarregados de educação, no sentido de treinar e desenvolver as competências das crianças/jovens, particularmente se estes forem portadores de necessidades educativas especiais.

Esta ideia é igualmente defendida por FREIRE (2008) e TARDIF (2002), que valorizam a importância da atividade lúdica no contexto educativo, sobretudo quando se trata de crianças com necessidades educativas especiais que precisam ser particularmente motivadas e estimuladas aos níveis cognitivo, linguístico, psicomotor, afetivo, social, bem como das aprendizagens funcionais. O aluno com necessidades educativas especiais merecem um olhar diferenciado em relação às suas necessidades e cabe ao professor desenvolver as atividades educacionais em função da singularidade das mesmas.

Neste sentido, RAMOS (2014) reforça a ideia da importância da Ludoterapia na operacionalização da diferenciação (curricular e pedagógica) em Educação Especial, dando uma resposta eficaz, assente nas necessidades educativas de aprendizagens específicas, competências e interesses dos alunos, garantindo a equidade educativa. Na verdade, as atividades lúdicas são facilitadoras/motivadoras de uma melhor assimilação dos saberes oferecidos pela escola, além de contribuírem para o desenvolvimento global do aluno, tendo em conta o seu ritmo e capacidade (BRITO & FREIRE 2014; LEPĂDATU & DREGHICIU, 2014).

Refira-se que o lúdico é de vital importância, principalmente porque falta à escola juntar o conhecimento científico/formal ao popular/prático, pois é na prática que se aprende a abordagem inclusiva do currículo assenta numa metodologia ativa, tal como a Ludoterapia, baseada no princípio “aprender fazendo”. CABRAL (2000) refere que a Ludoterapia esteve classicamente e exclusivamente ligada ao domínio da Psicologia, no âmbito da análise de atitudes e comportamentos.

Contudo, esta psicoterapia pelo brincar pode e deve ser explorada não só a nível da personalidade, mas também da cognição, da socialização e da psicomotricidade, potenciando as capacidades dos alunos com NEE, atualmente, a Ludoterapia é destinada a todas as idades, crianças, jovens, adultos ou idosos e o seu uso tanto pode ser a nível da psicoterapia do indivíduo (CARVALHO, JESUS, SANTOS, & MOTA, 2014), como na terapia de grupo, pois acreditamos que a terapia do jogo e do contexto lúdico é importante para a aprendizagem e equilíbrio dos seres humanos, constitui um elemento essencial no processo de apropriação do conhecimento e, conseqüentemente, é impulsionador do desenvolvimento da aprendizagem da criança. FONSECA (1976, 1992) desenvolveu uma bateria de observação psicomotora destinada à obtenção de um perfil e de um modelo de reabilitação psicomotora de crianças.

O autor utilizou uma estratégia metodológica centrada na individualização da intervenção. Por conseguinte, em conformidade com este autor, sugerimos que a psicomotricidade possa também ser trabalhada com Ludoterapia e complementada com outras terapias, designadamente a nível das necessidades específicas da lateralização, noção corporal, equilíbrio, estruturação espaço temporal, tonicidade e praxia a importância da interação

lúdica no processo de desenvolvimento da criança é fundamental. Deve ser estimulada nas diversas áreas tais como:

- a) a psicomotora, através de atividades como a dança, exercícios rítmicos, jogos, pinturas, olaria, construção de colares/pulseiras, etc.;
- b) a área social, que está voltada, por exemplo, para o respeito às regras e limites, podendo ser exercitada com dramatizações “Faz de conta que trabalhas num restaurante/loja/empresa...” ou de jogos tradicionais (corridas de sacos, “cabo de guerra”/da corda, pião, cova do feijão);
- c) a cognitiva, na medida em que o jogo estimula o pensamento e o raciocínio lógico através da ordenação do tempo, espaço e movimento (quebra-cabeças, “por onde a ENCICLOPÉDIA BIOSFERA, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.11, n.20; p. 2015 88 bolinha vai sair?”, ludo, puzzle, dominó de números, “descubra a palavra”, figuras recortadas, etc.; a memória poderá ser trabalhada com jogos como “gavetinhas da memória”, “procura-se o par”, etc.);
- d) a área afetiva/emocional, onde se salientam os sentimentos vivenciados pela “brincadeira” com os semelhantes, tais como o carinho, a alegria e o companheirismo.

Na atividade lúdica o que importa não é apenas o produto da atividade, mas a própria ação, o momento vivido, a quem a vivencia, momentos de encontro conseguem e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, de criação de significados e de percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, entre outros.

A ludoterapia é a psicoterapia adaptada ao tratamento infantil. De acordo com Pregolato (2006), o objetivo desta modalidade de análise é ajudar a criança, através da brincadeira, a expressar com maior facilidade os seus conflitos e dificuldades, ajudando-a a conseguir uma melhor integração e adaptação social, tanto no âmbito da família como da sociedade em geral, tendo em conta que quanto mais pequena é a criança mais difícil é compreender o seu mundo interno e a sua dinâmica de personalidade, através da observação e interpretação das suas projeções é possível delinear as suas características.

Ao brincar a criança utiliza uma linguagem que deverá ser clara e

transparente para os outros, maior parte das crianças demonstra adesão à ludoterapia e normalmente estabelece uma relação de confiança com o terapeuta, embora algumas prefiram “fugir” de atividades projetivas. Quando isto acontece é mais difícil a interpretação e o diagnóstico.

Segundo Baldwin e Cline (1991) acreditam que a ludoterapia oferece um ambiente seguro, sem pressão, para a fala, permitindo que a criança possa vir a comunicar de uma forma confortável é uma forma de psicoterapia cuja meta é promover ou restabelecer o bem-estar psicológico do indivíduo através de atividades lúdicas; no contexto de desenvolvimento social da criança.

A atividade lúdica é parte do repertório infantil e integra dimensões da interação humana necessárias na análise psicológica (regras, cadeias comportamentais, simulações ou faz-de-conta, aprendizagem observacional e modelagem); esta possibilidade de uso integrado de diversas técnicas talvez explique a aplicação da ludoterapia a diversas questões relativas ao comportamento de crianças (traumas psíquicos, abuso sexual, atraso mental, adoção, orientação a filhos de toxicodependentes) e de adultos (Schaefer, 1994).

A ludoterapia, por alguns designada de hora do jogo, pode, então, ser vista com a finalidade de conhecer a realidade da criança, como técnica de investigação e como possibilidade de intervenção, o mais precocemente possível, num processo dinâmico que dá prioridade ao pensamento clínico e emprega os instrumentos psicológicos e o próprio ludodiagnóstico de uma forma flexível o termo ludodiagnóstico apresenta várias denominações: hora lúdica, observação lúdica, hora de jogo, entrevista inicial com a criança, entrevista clínica com a criança, entre outras.

As diferentes denominações devem-se à variedade de posturas profissionais, de materiais usados, tipos de abordagem, técnicas subjacentes, mas têm sempre em comum o trabalho com crianças, adolescentes ou adultos no contexto clínico psicológico. O ludodiagnóstico pretende ser um momento de observação, investigação, levantamento de hipóteses e pesquisa principalmente no âmbito do desenvolvimento do psiquismo infantil.

Klein e Aberastury interpretam a primeira hora de jogo numa dimensão simbólica na qual a criança comunica através da atividade lúdica. A capacidade de simbolizar é precoce na criança e o brincar é sua forma de expressão natural. A atividade lúdica da criança tem uma finalidade e um sentido e funciona como comunicação, como a associação livre dos adultos.

A criança expressa fantasias e angústias e domina medos instintivos projetando-os nos brinquedos. Interpretar o seu significado revela a situação infantil, o processo ludoterapêutico fornece uma descrição clara das técnicas, princípios fundamentais em que se baseia para ajudar nas necessidades biopsicosociais das crianças e dos adultos nas diferentes faixas etárias, incluindo o agrupamento familiar de maneira inteligente e prazerosa o processo ludoterapêutico, mudanças básicas no equilíbrio de cada paciente, intrapsíquica, um novo equilíbrio na estrutura da personalidade com um ego fortalecido, um superego modificado e autoimagem melhorada a função do brinquedo é a da brincadeira e a brincadeira é definida como uma atividade livre e espontânea que propicia condições para o desenvolvimento biopsicossocial.

O brincar está diretamente ligado ao mundo infantil e a criança investe grande parte do seu tempo e energia nestas atividades. O brincar envolve um conjunto muito amplo de atividades, desde o brincar com o próprio corpo, brincar com brinquedos de forma livre até ao brincar estruturado, jogo.

Vygotsky (1991) afirma que a brincadeira, mesmo sendo livre e não estruturada, possui regras, que conduzem o comportamento da criança e daí que o brincar seja essencial para o desenvolvimento da criança, pois os processos de simbolização e de representação levam-na ao pensamento abstrato muitos pesquisadores não fazem diferenciação semântica entre jogo e brincadeira. Outros autores, como Brougère (1995), afirmam que a brincadeira é simbólica e o jogo funcional, ou seja, enquanto a brincadeira tem um fim em si mesma e é livre, o jogo inclui um objetivo final – a vitória, que pressupõe um conjunto de regras pré-estabelecidas e que estão

relacionadas com as regras sociais, morais e culturais existentes. Assim, os diferentes termos estão relacionados com a perspectiva do autor, mas também com os seus objetivos de investigação.

Menicalli (2002) refere que a criança joga e brinca porque precisa de elaborar situações traumáticas, expressando, de uma forma pré-verbal, os seus problemas fundamentais, a função do jogo e do brinquedo não é só a de descarga de fantasias, mas a busca de satisfação dos desejos de forma sublimada são confundidos e embora estes termos sejam, muitas vezes, intercambiáveis, não são idênticos no significado pois relacionam-se com diferentes fases do desenvolvimento infantil, a brincadeira correspondendo a uma etapa mais primitiva e o jogo a uma etapa mais amadurecida. Bettelheim (1979) salienta a importância da distinção entre jogo e brincadeira na medida que embora ambos sejam usados nos mesmos contextos os seus significados não são os mesmos.

A brincadeira está relacionada com as atividades da criança onde as únicas regras que existem são as criadas pela própria criança, são flexíveis e evidenciam a fantasia, não existindo objetivos para além da própria atividade, como foi dito anteriormente.

O brincar com o outro, por outro lado, permite, de acordo com o autor, experimentar uma das maiores satisfações da vida: funcionar bem com os outros. À medida que a criança começa a adquirir um certo amadurecimento e passa a desfrutar da relação com o outro, o companheiro, desperta o interesse pelo jogo. Enquanto no brinquedo a satisfação encontrada está ligada à expressão das fantasias e dos desejos surgidos no mundo interno, no jogo prevalece a relação com o outro e com a realidade (que está implícita nas regras).

Os jogos trazem benefícios na medida em que ensinam a controlar os impulsos e permitem, de forma segura, descarregar simbolicamente as agressões, os problemas afetivos, permitindo que a criança trabalhe psicologicamente estes conflitos expressando as suas angústias e

diferentes maneiras de lidar com os seus sentimentos, devido às regras, aos procedimentos e à própria relação com o outro, está presente o ego, as suas funções e todo o raciocínio voluntário e consciente que também determina a ação e o desencadear do pensamento.

Brincar é mais do que uma atividade sem consequência para a criança, aproxima-se da arte, tendo em vista a necessidade de a criança criar para si o mundo às avessas para melhor o compreender. Brincando, ela diverte-se, recria e interpreta o mundo em que vive e relaciona-se com este mundo.

Brincando, a criança aprende, Vygotsky (1988).

A brincadeira tem,

- impulsionar o desenvolvimento infantil;
- levar à descoberta das relações existentes entre os homens;
- levar a criança a avaliar as suas habilidades e a compará-las com as das outras crianças;
- levar à apropriação de códigos culturais e de papéis sociais.

Na perspectiva de Vygostki há dois elementos decisivos na brincadeira infantil: a situação imaginária e as regras. De um lado, o jogo de papéis com regras implícitas e, do outro, o jogo de regras com regras explícitas. Os seus estudos consideram que as brincadeiras são apreendidas em contexto social, no contacto com crianças, com os profissionais das escolas e com crianças mais velhas, que são o seu suporte orientador

Os brinquedos mudam conforme os padrões de uma sociedade e a brincadeira ou o jogo têm um carácter de diversão, mas também de estimulação que contribuem para o desenvolvimento individual e social na medida em que levam à interação entre crianças e que permite vivenciar situações, manifestar e formular estratégias, verificar erros e pontos fortes, etc. Para alguns autores, a criança ao usar brinquedos está a testar relações de causa-efeito, que não pode vivenciar na vida real por serem, por

exemplo, perigosas. Pode, assim, planejar estratégias e testar possibilidades relacionando-as com as consequências e os resultados. Ao fazer isto a criança está a preparar-se para a sua vida adulta.

A brincadeira é também uma fonte rica e privilegiada de comunicação pois a criança, mesmo sozinha, através do faz-de-conta imagina que está a conversar com alguém ou com os seus próprios brinquedos o que favorece, também, o desenvolvimento da linguagem.

As estratégias usadas na sala de aula devem ser diversificadas, alternadas e com um grau de exigência progressivo de atividades a desenvolver deve ter em consideração o objetivo da diminuição da ansiedade, a intensificação da comunicação não verbal e verbal e o aumento da interação social.

O professor quando avalia uma criança deve ter conta a atividade da criança, as suas limitações, o processamento da informação linguística, o conhecimento do sistema linguístico, o contexto em que se desenvolve a linguagem e o texto nas suas diferentes modalidades, o processo de avaliação deve, ainda, ser efetuado em locais onde a criança se sinta confortável, pode se feito um registo áudio da leitura num ambiente propício, e podem ser usados outros suportes, por exemplo o telefone, através dos quais seja possível avaliar as reais competências comunicativas da criança.

A ênfase deve ser dada à compreensão da criança e da sua ansiedade. Introduzir a criança subtilmente em ambientes sociais é uma forma excelente de ajudar a criança a sentir-se confortável. Exemplo de um plano comportamental, que pode ser aplicado no contexto educativo, passo a passo, sugerido por McHolm et al. (2005) com características lúdicas não precisa de ter jogos ou brinquedos. O que traz a ludicidade à aula é mais a atitude do professor / educador e dos educandos. É importante que se entenda que o lúdico, na sala de aula ou não, é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista apenas como diversão.

. A intervenção do professor durante a brincadeira e o jogo deve ser mais como participativo, que visa a aprendizagem incidental durante a brincadeira, e não como dirigido, o professor que aproveita a brincadeira para incluir a aprendizagem de conteúdos escolares e dirigir, para situações não lúdicas, desvalorizando o brincar que deixa de ser espontâneo o que

condiciona o desenvolvimento da criatividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sugestões aqui apresentadas não são únicas, nem estáticas devem servir apenas como pontos de referência, pois muito se pode criar e desenvolver de outras maneiras, inclusive deixando as crianças livres para que surgissem atividades, em situações problemáticas precisam desenvolver a autoestima, bem como precisam aprender a afirmarem-se como seres humanos. Integrarem-se a sociedade as quais pertencem e a trocar experiências com as pessoas de seu convívio

A criança problema precisa desejar o sucesso, como qualquer outra criança, o que conseguirá pela participação e agilidade. também de suma importância que os aspectos psicopedagógicos sejam bem abordados e considerados pelos professores e recreacionistas que atuam em processos ludoterapêutico, pois as crianças necessitam de estímulo.

Tudo deve ser pensado e aplicado em benefício delas, para tirá-las da apatia resultante da repressão permanente e da impotência de não poder fazer nada contra a realidade que os sufoca, um momento próprio de autoexpressão, sem que elas percebam que os aspectos psicopedagógicos estão em primeiro plano, mas sim, os seus desejos de brincar, cantar, dançar, jogar e exteriorizar suas emoções e sensações a alegria de compartilhar esses momentos com a sua família, amigos e consigo mesmo.

Assim, sugere-se que as instituições responsáveis colaborem no sentido de propiciar o apoio necessário para possibilitar uma educação de qualidade torna-se importante ressaltar que, no processo ludoterapêutico deve-se manter uma atmosfera de "magia", onde cada atividade artística lúdica proporcione um ambiente alegre e contagiante, em que os professores e alunos, numa troca mútua e harmônica poderão trocar ideias e experiências vivenciadas, visando o objetivo principal que é a criança.

REFERÊNCIAS

- Affonso, R. (2009). **O Ludodiagnóstico na Atualidade: Fundamentos e Aplicações**. Anais do 1º Congresso Brasileiro de Ludodiagnóstico (pp. 16-21). São Paulo: http://www.eppa.com.br/anais/1_congressludo.pdf.
- Almeida, L. &. (1997). Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação**. Coimbra: Apport.
- Bomtempo, E. (1992). **Brinquedoteca: espaço de observação da criança e do brinquedo**. In O direito de brincar: a brinquedoteca. São Paulo: Scritta Editorial.
- Gomes, L. (1998). **Um estudo de caso comportamental em ludoterapia**. Psicologia, Ciência e Profissão, 5 , pp. 56-64.
- MALUF, A. **Atividades lúdicas como estratégias de ensino aprendizagem**. 2006. Obtido em 28 de setembro de 2018, de <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=850>
- PIAGET, J. A Formação do símbolo da criança. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1978.
- PREGNOLATO, M. **A criatividade como aliada do terapeuta infantil, Ludoterapia: A terapia da criança**. CRIAR – Revista de Educação Infantil. V. 2, nº 9, outubro/2018. Disponível em: <<http://www.mariuzapregnolato.com.br>>.
- RAMOS, R.. **A percepção dos profissionais de Educação Especial face à Ludoterapia em contexto educativo**. Lisboa. Dissertação de mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus, 2014.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002
- VIGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998. .



WWW.SLEDITORA.COM

WHATSAPP (11)978414455

SLEDITORA.ARTIGOS@GMAIL.COM